

VIANA DE SEMPRE

Por MARIA AUGUSTA D'ALPUIM *

No tomo 24 dos Cadernos Vianenses procurei dar – em traços largos – o que foi a vida de Viana do Castelo nos últimos três quartos do século XX.

Pude falar deles porque os vivi; porque me integrei profundamente na Vida de Viana, porque muitas vezes “arregacei as mangas” para meter “as mãos na massa” de alguns problemas da cidade, dores e alegrias que me foram plasmando a vida pouco a pouco.



Estátua de Viana

* Escritora Vianense

Cad Vianenses, 25, 1999, 21-28

Mas desde esse ano no século em que vivemos, recuemos na História até ao século XIII e vejamos um pouco a história de Viana já conhecida (ou desconhecida...) dos Vianenses.

No dia 18 de Julho do ano de 1258 Viana propriamente dita começou como concelho pelo Foral que lhe deu D. Afonso III.

Esse Rei e seus sucessores mostravam grande simpatia por esta terra que queriam tornar grande concedendo-lhe terras e muitos privilégios, procurando atrair gente que a povoasse.

Em 1263 iniciou-se a construção das muralhas para livrar a vila das incursões dos normandos e outros piratas que por mar a atacavam e a saqueavam.

As muralhas que levaram 111 anos a fazer, envolviam o casario da vila desde o Campo do Forno (Praça da República) até ao rio, ladeando-o e subindo depois a rua de S. João (hoje Avenida dos Combatentes) e a Rua da Picota até ligar à outra ponta no Campo do Forno.

Abriram-se quatro portas na muralha com nomes de Santos. A porta principal era a de S. Crispim ou Postigo virada ao sul. A porta de S. Tiago que dava para o Campo do Forno; a de S. João ou da Ribeira era na entrada da Rua Grande. A porta da Senhora da Piedade ou de S. Pedro era entre estas duas ruas.

Com a construção das muralhas a única igreja que havia, a de S. Salvador, hoje Igreja das Almas, ficou fora da vila.

No fim do século XV quis a população de Viana construir uma nova e grande igreja no Alto do Penedo, onde reunia a Câmara.

D. João I, então reinante, ajudou muito a construção da obra embora devesse estar zangado com os vianenses que só o receberam pela força das armas do seu Condestável: D. Nuno Álvares Pereira.

E Viana da Foz do Lima foi crescendo e progredindo entre dores e alegrias.

Foi atacada por piratas, teve fomes, epidemias, teve também a alegria das suas festas e dos barcos que voltavam de longe cheios de riquezas e com os seus homens sãos e salvos.



Matriz

Teve grandes homens como João Velho, amigo do Rei D. Manuel I que conseguiu muitas regalias para a vila. Foi a Londres e comprou, trazendo para Viana, algumas imagens sagradas que Henrique VIII de Inglaterra mandara queimar e deitar ao rio.

Aqui nasceu João Álvares Fagundes, grande navegador, que rumou para a Terra Nova várias vezes e descobriu umas ilhas que se chamaram Fagundes.



Estátua do Fagundes

Na viela da Parenta ainda se vê a casa, marcada com uma caravela, onde viveu Pêro Galego, um dos grandes mareantes de Viana. Mais acima fica a Rua do Tourinho onde viveu Pêro de Campos Tourinho navegador conhecido e donatário da Capitania de Porto Seguro no Brasil, para onde levou grande parte da população de Viana.

Diogo Álvares Correa tendo naufragado perto da Costa do Brasil foi encontrado pelos indígenas que eram canibais.

Diogo, com uma espingarda, matou um pássaro que voava. Deslumbrados, os indígenas aclamaram-no, chamando-lhe “Caramuru”, o que quer dizer “Homem de Fogo” e fizeram dele seu chefe, que muito bem os governou e civilizou.

Casou com a princesa Paraguassu que se baptizou com o nome de Catarina.

Junto à cidade da Baía, no arrabalde de Vitória, numa capela consagrada a S. Bento, existe uma sepultura com a seguinte inscrição:

“Sepultura De D. Catherina Alvares Senora Deste Capitania da Bahia A Qual Ella e Seu Marydo Diogo Alvaz Correa, Natural de Viana Derão Aos Senores Reys de Portugal: Fez e Deu Esta Capela Ao Patriarcha S. Bento.

Anno de 1582”

No século XVI Viana viveu horas de grandeza quando se abriram as ruas da periferia para fora das muralhas:

Rua da Bandeira, de S. Sebastião, de Santa Ana e outras.

Os nobres nelas foram construindo as suas lindas casas senhoriais que ainda hoje encantam quem visita Viana.

Ergueram-se Igrejas em vários pontos da vila; construíram-se conventos: Santa Ana, S. Bento, Ursulinas, Carmelitas.

O Santo Arcebispo Primaz D. Frei Bartolomeu dos Mártires, deixando as grandezas de Braga, fez-se humilde frade no Convento de S. Domingos que mandou construir com a sua igreja anexa como todos os outros conventos.

O escritor Frei Luís de Sousa escreveu a “Vida do Arcebispo” descrevendo e enaltecendo Viana.

Mais tarde vieram as invasões francesas, as lutas liberais e a Patuleia que terminou no reinado de D. Maria II a qual, devido a coragem e lealdade dos que ocupavam o Castelo de S. Tiago da Barra tornou Viana cidade com nome de Viana do Castelo.

Recuemos agora mais alguns séculos.

No século XI ou XII antes de Cristo, aportaram os gregos às margens do Lima onde trataram de fundar uma povoação na sua foz que, pela pressa com que foi feita, dizem, lhe chamaram “Calpe” o que quer dizer pressa ou galope¹.

Constou aos Celtas como era fértil a parte ocidental da Península Ibérica e vieram a caminho desta região derrotando outros povos que encontravam. Chegando à Foz do Lima estabeleceram-se definitivamente pelas margens do rio.

Assim refere este acontecimento D. Rodrigo da Cunha, no Catálogo dos arquivos de Braga, colocando-o em 359 antes de Cristo.

Os gregos receberam bem os celtas errantes repartindo com eles a sua terra e até ligando-se em parentesco.

Assim, aumentando demais a população houve contendas entre eles. Resolveram separar-se e mudar para sítio mais seguro. Concordaram em habitar o cume do monte a que hoje chamam Serra d’Arga, nome que vem duma cidade chamada Argos. Encontraram um sítio saudável e inclinado ao norte onde construíram as sus habitações, circundando-as de fortes muros de que ainda hoje se vêem vestígios. Dizem os historiadores que a mudança para a serra se deu em 296 antes de Cristo.

Dizem também que os celtas deram à nova cidade o nome de Viana por amor à sua pátria no distrito de Vianna (Delfinado) nas margens do Ródano.

Há, porém, quem discorde, porque os celtas já tinham saído da sua pátria havia mais de seiscentos anos. É mais certa a ideia de que lhe chamaram Viana porque tinham um templo à deusa Diana no local onde depois se ergueu a capela de Santa Luzia.

Com este nome de Viana floresceu longamente esta cidade do monte. Foi o que levou o Rei D. Afonso III a dizer, quando deu o foral à vila, “de novo lhe imponho o nome de Viana”

¹ Esta parte baseia-se nos escritos de Luís Figueiredo da Guerra e outros escritos antigos que ele leu.



Citânia

Durante as guerras na Península entre os romanos e os cartagineses, resolveu Roma mandar o cônsul Decio Junio Bruto com as tropas para vingar o nome romano.

Corria o ano 137 antes de Cristo quando Decio veio e tomou a Espanha até ao oceano.

Nos lugares altos os nossos naturais eram vencedores mas em campo raso foram vencidos. Foi nessa altura que o rio deixou o nome de Belion dos gregos e tomou o nome de Lethes o que quer dizer “o rio do esquecimento”.

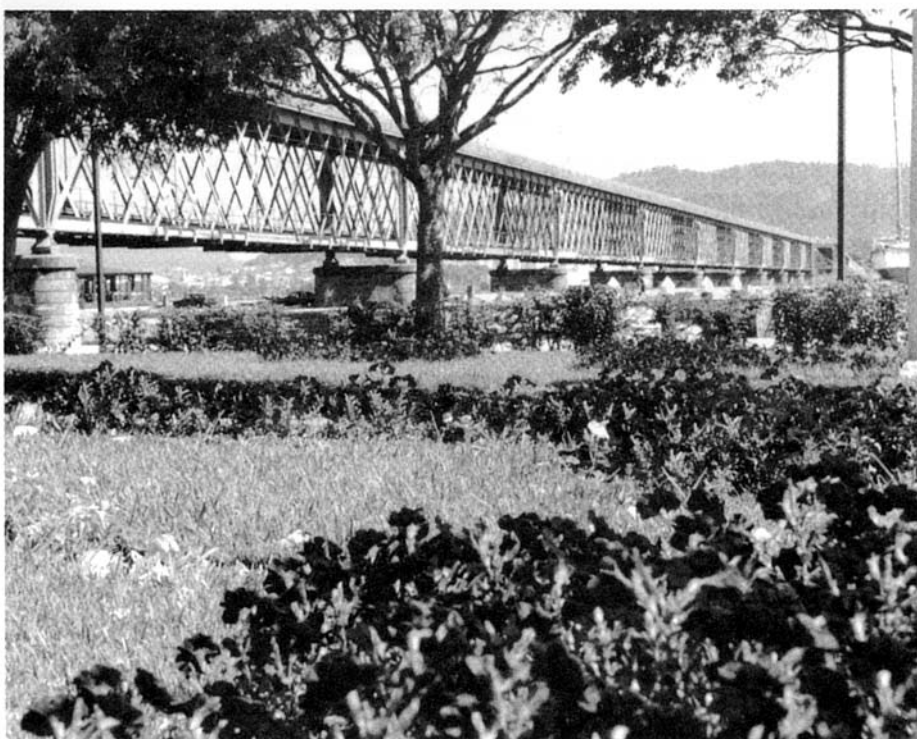
Mais tarde, entre 716 e 739 da era cristã esta região saqueada e destruída pelos sarracenos e as costas infestadas pelos normandos. Destruída esta região por Almansor, resolveram as populações fundar de novo a sua cidade, descendo da montanha e construindo-a na formosa planície que se estende entre o monte e o mar. Aqui fundaram uma linda vila a que deram o nome de Povoença (Areosa) e erigiram uma igreja à Virgem Maria sob invocação de Viana ou de Vinea ².

² Castelão Pereira

Esta povoação da Povoença foi crescendo de tal maneira pelo comércio e navegação que se formou outra vila na foz do rio Lima no sítio chamado Átrio.

D. Afonso Henriques, pelos serviços que recebeu de Viana, tornou-a Couto. Faziam parte do seu território, as vilas de Povoença, Figueiredo, Foz do Lima e Castro com muitos casais e herdades dispersas desde o ribeiro de Vitorino ou Pêgo até ao Ameal na Meadela e pelo monte Tarrujo acima (Santa Luzia) até ao eremitério de S. Mamede e ainda Afife, Carreço, Meadela, Santa Marta e Vila Mou e um vilar o de Murteda.

Quando *hoje* em dia passeamos no jardim da cidade florida junto à bela e calma marina não pensámos no que Viana sofreu no *passado* e só lhe desejamos um belo e feliz *futuro*.



Jardim